

ARTE E CULTURA: HERÓIS DA COMUNIDADE

Cristiane Andrade Fernandes

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC

Danilo Oliveira Nascimento

Fundação Fé e Alegria

Josefa Soares dos Santos

Fundação Fé e Alegria

Resumo: É justamente através da arte que as crianças e adolescentes estão construindo um novo jeito de ver a vida e o seu futuro, meninos cantores e cantoras, apresentam a voz e vez, a reflexão crítica de seus contextos e encantamento na elaboração do Rap. O Projeto Heróis da comunidade foi desenvolvido nas oficinas de música no Centro Educativo Fé e Alegria em Ilhéus-Bahia. O projeto objetivou: investigar quais ações são realizadas por lideranças comunitárias, visando minimizar os problemas vivenciados pelos moradores do bairro. A metodologia desenvolvida durante o projeto foi baseada na Pedagogia freiriana, o Rap criado pelos adolescentes tem forte relação com a história dos educandos pertencentes à comunidade do entorno. Reconhecer as histórias de vida e as relações das pessoas da comunidade, permitiu aos educandos valorizarem os saberes locais, reconhecendo as estratégias utilizadas na tomada de decisão, diante dos conflitos, das situações de violência e exclusão social, saber como as lideranças lidam com estas situações, de maneira ética e responsável, contribuiu com processos de conscientização e a reafirmação de valores sociais necessários, para os educandos constituírem uma referencia local e indentitária.

Palavras-chave Arte e Cultura. Práticas educativas. Educação Popular.

Introdução

A educação de nossa sensibilidade musical deveria ser um dos objetivos da educação. Os Conhecimentos da ciência são importantes. Eles nos dão poder. [...] A música, ao contrário, não dá poder. Mas ela é capaz de penetrar na alma e de comover o mundo interior da sensibilidade onde mora a bondade. Afinal, esta não deveria ser a primeira tarefa da educação: produzir a bondade? (Rubem Alves, 2005).

Rubem Alves nos deixa um legado da Educação dos sentidos, em que, os sons e as emoções, as palavra, os corpos em movimento, provocam em cada criança e adolescente uma educação das sensibilidades que só através da Arte podemos sentir.

Através da Fundação Fé e Alegria, muitas crianças e jovens tem, encontrado uma oportunidade, para ressignificar sua infância, em meio a desafios e adversidades que permeiam seus contextos sociais. A Fundação atua em Ilhéus, no bairro Nossa Senhora da Vitória, Ilhéus II e Vila Selina. Atendendo mais de 500 crianças e adolescentes na perspectiva da Educação Popular e a promoção social. Esta iniciativa contribui positivamente na vida de crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, promovendo atividades integradas que envolvem esporte, artes e educação neste bairro da periferia de Ilhéus.

Após dialogar com os educadores sociais e a equipe pedagógica da Fundação, percebeu-se a necessidade de contextualizar os conhecimentos científicos, valores éticos e a tomada de decisão dos educandos frente às problemáticas do local em que estão inseridos. Na Fundação a proposta de educação esta estruturada em duas ações que se entrelaçam, da educação formal, e da educação não formal, as atividades desenvolvidas pelos educadores sociais, no espaço não-formal acontecem nas oficinas de Música, Dança, Cultura–Afro e Teatro, no turno oposto as atividades da educação formal.

Com o apoio da equipe pedagógica e o educador de música, propomos aos educandos o projeto heróis da comunidade, tendo em vista a seguinte problemática: De que maneira os fundadores do bairro e as lideranças comunitárias, buscam melhorias e soluções para os problemas vividos pelos moradores?

O objetivo geral do projeto foi: Investigar quais as ações são realizadas pela fundadores e lideranças comunitárias, visando a soluções dos problemas vividos pelos moradores do bairro. Dentre os objetivos específicos foram desenvolvidas as seguintes ações: Promover aos educandos/as o espírito investigativo e reflexivo; Reconhecer a historia das lideranças da comunidade. Valorizar os saberes dos fundadores e lideranças comunitárias; Incentivar a cultura da paz, socializando tais informações com educandos e educadores da Fundação Fé e Alegria.

A metodologia desenvolvida neste projeto esta referendada na Pedagogia freiriana, pautada na problematização e na tomada de decisão. A investigação e o processo de educação dialética, tem contribuído, para uma educação com outras concepções, pautadas em saberes e novas reinterpretções de educandos e educadores sobre as problemáticas vivenciadas pelos educandos.

O Projeto Heróis da comunidade representa um processo educativo de múltiplas aprendizagens, o Rap criado neste projeto tem forte relação com a história dos educandos pertencentes a comunidade do entorno. E é justamente através da arte que as crianças e adolescentes estão construindo um novo jeito de ver a vida e o seu futuro, meninos cantores e cantoras, apresentam a reflexão crítica de seus contextos e o encantamento na elaboração do Rap, desenvolvendo cada vez mais seu potencial criador e inventivo, para a arte educadora Noêmia Varela, “ a arte tem este poder”.

A Fundação Fé e Alegria: breve histórico

Para entendermos o contexto e o histórico da do movimento Fé e Alegria recorremos a sua proposta educativa.

A origem da criação do Movimento Fé e Alegria se deram no contato direto com a vida dos mais empobrecido, com suas carências, e necessidades, na Venezuela em 1955, como entidade não governamental, de solidariedade social, nasceu para somar esforços com e a sociedade o Estado, na criação e manutenção de serviços educativos e sociais, nas periferias e no campo. (Diretrizes nacionais: Proposta educativa de Fé e Alegria Brasil, 2009).

Após as ações desenvolvidas na Venezuela, o movimento foi estendido para outros países, através de programas de ações de Educação Popular Integral e a Promoção Social em espaços de grande vulnerabilidade e exclusão social.

No Brasil o Movimento surgiu em 1981 e recebeu a influencia do educador Paulo Freire, com a Pedagogia da Educação Popular. Na Bahia desde 1999, em Ilhéus, município litorâneo no bairro Nossa Senhora da Vitória, do Estado, com 185 mil habitantes e distante 450 km da capital Salvador. Os projetos da Instituição na Bahia acontecem com o convenio da Secretaria da Educação de Ilhéus, em que os professores atuam na Educação Formal no Centro Educativo Fé Alegria, e a Educação não formal, oferecida às crianças e jovens com idades entre 7 a 16 anos, em parceria com a Companhia de Jesus, com a participação em editais de fomento à educação e parceiros locais.

Atualmente a Companhia tem cerca de 16 mil jesuítas atuando em torno de 100 países dos cinco continentes. Ao longo da nossa história, temos colaborado com a transformação da sociedade por meio da espiritualidade, da promoção social, do diálogo intercultural e inter-

religioso, do serviço da fé e da promoção da justiça. Oferecer educação de qualidade é outra marcante característica da Companhia de Jesus, responsável pela produção de conhecimento para o desenvolvimento social através da pesquisa científica e do aprofundamento intelectual. Também oferece oficinas sócio-assistenciais a crianças e adolescentes de 6 a 15 anos.

O centro comunitário tem como objetivo oportunizar atividades culturais e artísticas, como oficinas de teatro, complementação pedagógica e cultura afro-brasileira. Além disso, são ministradas oficinas e atividades envolvendo capoeira, maculelê e samba de roda e oficina de música. A proposta desses projetos visa, através do diálogo, fortalecer uma parceria entre Fé e Alegria em Ilhéus e a comunidade local, com ações voltadas ao desenvolvimento social.

A instituição atende 512 crianças do 1º ao 5º ano do ensino fundamental na Educação Formal. Já na Educação não Formal, são 427 atendidos. Na formação de crianças e adolescentes são 240 atendidos no Projeto de Fortalecimento de Vínculos, em período integral. A equipe conta com o apoio pedagógico de duas coordenadoras, 5 educadores sociais que atuam na educação não-formal e 20 docentes que atuam da educação formal.

O Caminho metodológico se faz dialogando

O Projeto Heróis da comunidade foi uma das ações desenvolvidas no Centro Educativo Fé e Alegria, surgiu com a necessidade de discutir uma educação contextualizada com a comunidade, em que os educandos estão inseridos, pois os conteúdos do currículo e as vivências dos educandos, precisam ter confluências e sentidos para serem interpretados e dialogados, desenvolvendo o senso crítico e o encaminhamento de decisões para as problemáticas em questão.

Diferentes conceitos são relacionados e proposições quanto à educação não formal, porém para delimitar o campo e as demandas desta educação, recorreremos a Gohn (2010), De acordo com a autora sua concepção de educação não-formal, diverge de outros autores e se encaminha para o campo da educação cidadã.

a qual o contexto escolar pressupõe a democracia da gestão e do acesso à escola, assim como a democratização do conhecimento. Na educação não formal, essa educação volta-se para a formação de cidadãos livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim, como os deveres para com o outro. (GOHN, 2010, p.33).

A educação não-formal vivenciada em Fé e Alegria busca justamente esta vertente e que os educandos possam ter acesso a uma educação que os mobilize para uma atuação social e cidadã consciente.

A metodologia proposta pela instituição esta pautada na Pedagogia Inaciana, que tem seus fundamentos na Pedagogia Problematizada, pautada em uma Educação Popular e contextualizada com as pessoas e as comunidades reais. Como nos afirma Freire (1987a).

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se, na práxis, com sua transformação: o segundo, em que transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser oprimido passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1987, p.41).

Esta metodologia também propicia o processo da investigação científica, desenvolvido pelo educador social, para que os educandos incorporem a partir dos conteúdos trabalhados nas oficinas, uma tomada de decisão que propicie uma consciência crítica e resolução de problemas a partir das reflexões desencadeadas no processo e saberes interdisciplinares, apreendidos na educação formal e não-formal e a ressignificação destes conhecimentos nos seus cotidianos.

Para que esta tomada decisão aconteça é preciso de uma educação que construa outra concepção de educação, que não centre o conhecimento na memorização e na mera transmissão de conhecimentos. Autores como Antônio Cachapuz (2011), compreende a educação esteja em constante relação entre:

Os problemas devem de preferencia, ser colocados pelos alunos, ou por eles assumidos, ou seja, devem-nos sentir como seus, terem significado pessoal, pois só assim temos a razoável certeza de que correspondem a dúvida, a interrogações, a inquietações de acordo com o nível de desenvolvimento e de conhecimentos. CACHAPUZ;GIL-PEREZ;VILCHES;CARVALHO,2011,p.74)

Para esta tomada de decisão foi necessária à identificação dos principais problemas da comunidade através da dinâmica da “árvore de problemas”, os educandos ao refletirem sobre os moradores da comunidade em que estão inseridos, identificaram, os aspectos negativos e positivos, reconhecendo os “Heróis da comunidade”, isto é as lideranças-referências residentes na comunidades. Reconhecendo suas trajetórias na história da comunidade e como eles buscam melhorias e soluções para os problemas vividos pelos moradores. Com a mediação do educador

social os educandos foram identificando coletivamente no momento da dinâmica, os problemas locais.

Figura 1



Fonte: Arquivo do educador social/ 2015

Dados : Roda de conversa desenvolvida com os educandos, sobre os heróis da comunidade e os problemas identificados por eles.

Os educandos elaboraram as perguntas para as entrevistas entre outras que surgiram no decorrer das entrevistas.

Nome, Idade, Ocupação, Endereço, contato. O que você faz pelo bairro, O que você gostaria de melhorar no bairro, Pra você, precisa de mais escolas no bairro, O que acha do policiamento no bairro, O que acha do esgoto a céu aberto – (infraestrutura), Enquanto cidadão/cidadã o que você faz para melhorar este bairro. O que te move a fazer tais ações, O que espera do resultado destas ações. O que você deseja para esta comunidade?(atividade em sala de aula com educador social musical, 2015)

Nesse sentido Morin (2011), aponta o Enfrentamento das Incertezas como, ligado à superação de um modelo científico que nos dava falsas ilusões. Por isso, aposta na educação que enfrente os imprevistos, o inesperado e a incerteza, e modificar seu desenvolvimento em virtude das informações adquiridas ao longo do tempo. Propõe isso a partir de um ensino que busque afirmar as práticas de compreensão intersubjetivas, que desencadeia outras construções do conhecimento real.

Em 2015 o projeto foi iniciado e as atividades desenvolvidas na oficina de Música, ministrada pelo educador, com os depoimentos dos educandos e educandas sobre o olhar dos

mesmos na comunidade em que relataram fatos verídicos, sendo positivos ou negativos. Após o registro dos depoimentos, constatamos que maioria dos fatos eram negativos, propiciando em muitos jovens um sentimento de indignação e tristeza, porém com a mediação do educador foi elaborado o Rap: Heróis da comunidade.

A partir das reflexões desencadeadas durante os depoimentos das situações em que os educandos vivenciam na comunidade, foram listadas pelo educador social na “árvore dos problemas”, utilizando-se de palavras-chaves, que posteriormente, na roda de conversa se transformaram em relatos.

Figura 2



Fonte: Arquivo do educador social/ 2015

Dados: Atividade desenvolvida em sala de aula com os educandos: “Árvores dos problemas”

educandos:

Com esta metodologia foi possível desenvolver uma Educação científica e dialética, com os educandos, em que o processo de investigação esteve presente nas discussões. A fundação busca desenvolver uma educação popular, que há uma intencionalidade vinculada ao pensar e agir

em prol do contexto social em que os educandos estão relacionados, uma educação que propicie sempre uma consciência crítica de si no mundo e com o mundo.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram: as aulas de campo, questionários, entrevistas e registros das oralidades, rodas de conversas em salas de aula, dinâmica, exibição de vídeos, com os debates a o uso dos de instrumentos musicais; experimentação e criação de técnicas vocais; relatos e socialização de experiências com a música,

Este processo educativo foi se constituindo e se consolidando nas reflexões entre os reais problemas vivenciados por eles e seus familiares na comunidade, afim de reconstruir novos conhecimentos e possibilidades de uma consciência mais crítica nos educandos. Para Godotti (2012), a educação popular traz consigo:

O paradigma da educação popular, inspirado originalmente no trabalho de Paulo Freire nos anos 60, encontrava na “conscientização” sua categoria fundamental. A prática e a reflexão sobre a prática da educação popular, levou a incorporar outra categoria não menos importante: a da “organização”(GADOTTI, 2012 p.19)

Compreendemos que a educação popular comunitária, desenvolve na sua ação cotidiana uma educação significativa e humanizadora, quando os educandos sistematizam na relação entre os entrevistados através do diálogo e as situações reais, contadas pelas moradoras que ajudaram a fundar a comunidade, a compreensão de como estas lideranças encaminham os problemas cotidianos da comunidade.

Figura 3



Fonte: Arquivo do educador social/ 2015

Dados : Atividade de campo: entrevista com liderança comunitária

A cada semana eram desenvolvidas ações diferentes relacionadas ao projeto com as discussões nas rodas de conversas que foram se consolidando aos poucos, na subjetividade e objetividade das ações, na elaboração de perguntas/questionário com os educandos.

Para Freire (2005), a educação para a emancipação perpassa pela libertação do sujeito e a construção *do “ser mais”*, de sentir-se gente, sujeito que protagoniza sua história e sua ação no mundo. “Está aí a grande tarefa humanística e histórica dos oprimidos libertar-se a si e aos opressores” (FREIRE, 2005, p. 33).

Um dos fatos marcantes é justamente a maneira como o diálogo vai se constituindo na vida dos educandos, nas rodas de conversas, pois muitos destes educandos enfrentam este desafio em suas famílias: a falta do diálogo. Para Junior, Pacheco (2009) o diálogo:

Constrói um movimento de busca pela realização da vocação ontológica de ser mais. Pois se há diálogo, não há imposição. [...]o diálogo é o único capaz meio de produzir um verdadeiro pensar e que não se encerra nele mesmo; quer dizer não basta somente desvelar a realidade opressora, é necessário que ação e reflexão caminhem juntas neste processo de busca pela libertação.(JUNIOR, PACHECO, 2009, p. 105).

Durante o projeto foi necessário organizar um cronograma de atividades e saídas de campo para que todos os educandos pudessem também estar conscientes das ações acordadas coletivamente e pudessem ser realizadas no decorrer das atividades.

Ação/Atividade	Responsável	Local	Data(s) de execução
Construção de árvore de problemas com os educandos.	Educador social	Sala do projeto não formal	Maio/2015
Produção de questionário para os entrevistados com os educandos	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Maio/2015
Levantamento e agendamento com os entrevistados	Educador social e educandos	No campo	Maio/2015
Entrevista dos educandos com Dona N. (fundadora do bairro)	Educador social e educandos	No campo	Maio/2015
Entrevista com os alunos com Dona J. (fundadora do bairro)	Educador social e educandos	No campo	Maio/2015
Exibição e reflexão do filme Jogada de Rei	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Maio/2015
Criação do rap inicial – sobre a reflexão das	Educador social e	Sala do projeto	Maio-

atividades acima	educandos	não formal	Julho/2015
Entrevista dos educandos com Sr. F. (fábrica de colchões)	Educador social e educandos	No campo	Julho/2015
Exibição e reflexão do filme Irmã Dulce	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Junho/2015
Entrevista com os educandos com Sr.(fábrica de piaçava)	Educador social e educandos	No campo	Julho /2015
Escuta das gravações com os educandos.	Educador social e educandos	No campo	Julho//2015
Exibição e reflexão do filme Brasil Alfabetizado*	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Julho/2015
Exibição e reflexão do filme Heróis de Todo mundo	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Julho/2015
Exibição e reflexão dos depoimentos de Dona N. e Dona J. e aplicação de questionário sobre os mesmos	Educador social e musical e educandos	Sala do projeto não formal	Julho/2015
Perguntas elaboradas pelos alunos para questionário a ser aplicados com os mesmos e seus respectivos familiares	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Julho/2015
Entrevista com Sr. W. (presidente da liga esportiva de futebol)	Educador social e educandos	Sala – FEA	Agosto/2015
Reflexão sobre a entrevista do Sr. F. com os educandos	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Agosto/2015
Produção de um rap ainda intitulado através do texto coletivo e reflexões sobre as entrevistas	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Agosto/2015
Exibição e reflexão do filme – Se ela dança eu danço	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Agosto/2015
Socialização das entrevistas na roda de conversa	Educador social e educandos	Sala do projeto não formal	Agosto/2015
Produção de Texto coletivo – rap através dos questionários respondidos através das reflexões dos educandos/as sobre as entrevistas e participação dos mesmos através da oralidade.	Educador social e musical e educandos	Sala do projeto	Agosto /2015
RAP final: Heróis ensaio	Educador social e musical e educandos	Sala do projeto não formal	Setembro/2015

Tabela 1: Ações desenvolvidas durante o projeto Heróis da comunidade.

Fonte: Elaborado pelo educador social e a coordenadora pedagógica.

Através desta metodologia em uma sequência de ações coletivas e corresponsáveis com os educandos, a educação dialética proposta por Freire (2005), foi se consolidando, através das elaborações e inquietações dos educandos.

O Projeto heróis: prática educativa

Com intuito de propiciar o reconhecimento dos problemas percebidos por eles, a seleção das informações sistematizadas através do conhecimento investigativo, puderam elencar diversas situações e desafios que os educandos, vivenciam em sua comunidade, como relatados abaixo:

“Eu vejo os meninos vendendo e enrolando maconha na minha rua”. (M., 07 anos, turno matutino).

“Na rua que eu morava os caras invadiram para vender drogas...A policia cercou o morro pra pegar os traficantes e as armas e não conseguiu...Pegou uns mas outros fugiram” (E, 10 anos, turma matutino).

“Tem muito lixo na rua...brigas de meninos e adultos...Muitas morte”.(T. 10 anos, turno matutino).

“Eu tinha uma tia que antes de entrar no mundo das drogas ela tinha um marido e dois filhos...Quando ela não tinha dinheiro para comprar droga ela vendia as roupas dos filhos e do marido até que um dia ela não tinha mais dinheiro ai os caras ficaram com raiva dela e enforcaram ela com arame farpado”. (J, 11 anos, turno matutino).

“Um ladrão se escondeu no quintal da minha casa” (B. 10 anos).

“Teve uma operação no morro, os policiais subiram com metranca e os ladroes foram tudo para o bequinho e um dos bandidos atirou numa mulher que não tinha nada a ver com a historia” (U. 11 anos).

“Aqui só tem violência... há um mês um cara aqui saiu da rua fugido” (A. 15 anos, turno matutino).

“Tem pessoas que moram aqui no bairro e passam por necessidades e vão pro fundo do mercado, pegar comidas estragadas...E sempre há brigas na disputa por alimentos” (R., 10 anos, turno matutino).

Todas estas situações são vividas e sentidas pelos educando no seu dia a dia, em que os educandos apresentaram nas rodas de conversa, o que possibilitou a tomada de consciência de que a violência está entre eles e de que este é um dos grandes problemas do bairro. Reconhecer estas situações no processo educativo é também ter a possibilidade de refletir, maneiras de lidar com estas situações com outras possibilidades de diálogo e ações positivas pautadas nos valores e na busca de uma cultura pela paz.

“O bairro e a Fundação Fé e Alegria, abriu a porta para mim e para os meus irmãos e para a comunidade toda... Se não fosse a escola a gente estaria nas ruas a tempo de um carro pegar e matar a gente”. (E. 18 anos, turno vespertino).

“No bairro NSV tem muito talento, porem não é reconhecido nem aproveitado... Como, por exemplo, meu irmão desenha muito bem, mas nunca teve oportunidade de mostrar sua arte pra ninguém... Acho que deveria ter um show de talento para que pudessem expor os talentos aqui do bairro” (K, 16 anos, turno vespertino).

“Tem uma vizinha, o nome dela é M... Ela faz um sopão e serve para os necessitados... E ela tem vontade de aumentar essa ação” (R. 10 anos, turno matutino).

“Teve um aniversario na casa da vizinha de W. e brincamos, comemos... foi muito bom” (Luana Santos, 11 anos, turno vespertino).

“Eu vejo amizade jogando bola na rua” (W, 08 anos, turno vespertino).

“No domingo passado aconteceu dois batizados que a igreja ficou cheia que não tinha onde sentar” (M. 11 anos, turno vespertino).

“Eu apresentei na igreja, no culto das crianças uma dança... foi muito bom” (L. 09 anos, turno vespertino).

“Teve uma festa no domingo na pracinha com apresentações de dança – grupos do Iguape, do Pontal e do Vilela...” (A. 12 anos, turno vespertino).

Com todas estes relatos trazidas da realidades dos educandos há um impacto negativo para eles, pois foi percebido as situações de violencia e exclusão, entretanto, o desafio do educador social ao propor a ida a campo, foi a de tentar visualizar outras perspectivas, que possam, indicar as situações positivos existentes na ação das pessoas da comunidade. Em um dos depoimentos em que os educandos, realizaram na aula de campo, puderam perceber estas situações como é o caso de dona N:

Eu quando cheguei aqui neste bairro trabalhei muito, tinha um grupo de mulheres que engravidavam muito, um socorro de doença eu era eu não tinha carro, eu secorri meninas na adolescente, eu secorri pessoas drogas,, tava lá drogrado doentes de coceira naquela época que tinha uma lepra, eu cuidava deste povo com remédio caseiro, eu nunca fiz um pai bater nm filho, ai de nós que só ouvisse a palavra de pai e de mãe, ai de nós se só apanhasse de pai e de mãe mas , nós apanha do mundo, nós apanha da policia, o mundo bate você não sente, mas como é que você apanha do mundo? Andando mal tratada ,sem tem ninguém para dar apoio, com más companhia , você estão entendendo, não é menino assim, que fala menino de rua apanhando do mundo, então tem uma pessoa que chama ele pra conversa com ele, isto é uma melhoria para o nosso bairro, para nossas vida pra o mundo pra diminuir a violência, por isto agente tem que ouvir o professor ... é uma pessoa que devia ser bem agradecido e tivesse o maior valor, e que eu não sei falara as palavras do valor.(entrevista com Dona N. Fundadora do Bairro, N.S. da Vitória, em 2015).

Este depoimento foi um dos mais ricos para os educandos, eles tiveram a oportunidade de reconhecer Dona N. fundadora do Bairro, em seu cotidiano e perceber que, ela é parte de suas vidas, estar ao seu lado sentir e partilha das mesmas situações e adversidades, percebendo-a como uma “referencia” para muitas pessoas e jovens da comunidade, sua trajetória acolhedora com as pessoas mais necessitadas e em vulnerabilidade, mesmo com pouca escolaridade, tem muita sabedoria para lidar com as pessoas, aconselhando-as e ajudando-as a sair da situações de marginalizados, acreditando em seu potencial, este é um processo político de escolha, de luta comunitária para o bem, que demanda de Dona N. profundo acolhimento e respeito ao outro.

Figura 3



Fonte: Arquivo do educador social/ 2015
Dados : Aula de campo, entrevista dos educandos com Dona N

A visita à comunidade consolidou os objetivos da equipe pedagogia, em que os educandos interagiram com os saberes populares e a maneira como as lideranças atuam na sua ação comunitária, para a compreensão do conhecimento contextualizado e a relação diária com a vida e a necessidades da comunidade, criando laços e reelaborando novas formas de interpretar o seu contexto. Brandão (2006) em seu Livro O que é Educação Popular, interpreta esta educação com um:

Pensar a educação popular como um trabalho coletivo e organizado do próprio povo, a que o educador é chamado a participar para contribuir, com o aporte de seu conhecimento “a serviço” de um trabalho político que atua especificamente no domínio do conhecimento popular. (BRANDÃO, 2006, p. 51).

Através das ações desenvolvidas no Projeto foi possível que os educandos interpretassem suas realidades e reelaborassem as situações observadas no seu dia a dia para a elaboração do Rap coletivamente, na oficina de música, coma mediação do educador social, contando as histórias do bairro, o sentimento de pertença, o dia a dia da comunidade e os caminhos a transformar, culminando neste Rap.

Heróis da comunidade

No bairro onde eu moro ainda tem muita violência...
Mas, logo nascerá uma flor, um gesto de carinho que
cuidará de toda dor e espinho, dos estilhaços que
houver pelo caminho. Pressinto isso!
A nossa vitória, pois faço parte dessa história.
Aqui tem muita gente boa
Que ajuda aos que precisam de comida, de um
consolo.
Muitos acordam cedo já no trabalho.
O dia a dia é duro e cansativo
Na luta pra sustentar os seus filhos
Pra que eles não corram o risco, nem se percam nos
trilhos do perigo,
Eu vejo os meninos vendendo maconha na minha
rua.
Não é isso que eu quero pra mim nem pra ti,
Sai daí meu irmão, qual é a tua!?
Eu tinha uma tia e ela tinha um marido e seus dois
filhos. Ela vendia a roupa deles pra consumir o que
logo viria a ser o seu suicídio.
Quando não tinha mais dinheiro
Os manos a enforcaram lá no meio da mata
Todas alertavam, mas ela nem ligava –
Larga disso, pois a droga lhe mata... E matou!
E há também muitas famílias que aqui tem muitos
filhos
A irmã mais velha logo deixa seus estudos
Pra cuidar do mais novo e o mais novo
Logo cuidará dos seus mais novos
Os livros ali no canto empoeirado
Tudo nesse instante, mofa na estante.
Todo mundo mudo, cego, surdo,
Tateiam no escuro com os papéis trocados.
E daqui a pouco os meninos logo vão ter seus filhos.
Mas de quem será a culpa?
Ai que tristeza é perder uma infância...
O mundo chora, o ciclo não vigora.
A natureza perde o seu curso, prumo, viço e glória.
E de quem será a culpa?
Esgoto a céu aberto, o lixo invade o brejo.
Não há praça, nem graça e muito pouco ainda se faz.
Afinal, quem irá pagar a conta será um de nós,

A menina tinha sete anos quando a dengue a
levou
Sua mãe, desconsolada foi embora...
E na rua que era pra ser felicidade...
Ah! Ficou pra outra história.
Logo se vê no julgamento, todos fogem da
culpa.
Cruzam-se os braços, mas percebam que essa
é nossa luta.
Avante heróis
Somos pertence desse povo
Nossos poderes hão de transformar
Nosso presente são os saberes
De nos dividir, multiplicar,
De conviver e amar
E falando dos nossos atores, referência pros
nossos valores.
Guerreiras do dia a dia que lutam por
melhorias com suas benfeitorias.
Como uma vizinha minha, abençoada tia.
Ela faz um sopão e serve pros necessitados.
Como outra cara colega professora minha
Que cuida de nós, nos preza com Fé e
Alegria,
Pra que sejamos cidadãos de bem,
Pra que nossas vidas sejam plenas de amor e
harmonia.
Rogai por nós
Chega de troca de tiro, vamos ser todo
mundo amigo.
Avante heróis
Somos pertence desse povo
Nossos poderes hão de transformar
Nosso presente são os saberes
De nos dividir, multiplicar,
De com viver e amar

coitado, que sairá daqui calado. E pagou!	
--	--

Considerando o caminho: há muito por fazer em coletividade

O Projeto Heróis da comunidade emana a fé na vida e a possibilidade de aprender com alegria, criatividade, lançando uma nova semente que germinará com mais autonomia e liberdades para jovens e adolescentes, no fazer cotidiano de Fé e Alegria.

Ao vivenciarmos as atividades do Projeto Heróis da Comunidade no bairro Nossa Senhora da Vitória, percebemos um desenvolvimento do sentimento de pertença por parte dos educandos/as ao se depararem com depoimentos, momentos de escuta com os moradores mais antigos e as líderes que atuam na comunidade

Para nós educadores esse sentimento de pertença, nos tocou de tal forma que, ao desenvolver práticas educativas buscamos contextualizar dentro e fora da instituição, os saberes populares dos membros da comunidade reestruturando o conhecimento científico e local em nossas atividades.

As reflexões desenvolvidas com os educandos/as sobre a história viva, que permeiam o bairro entre os seus fundadores e moradores mobiliza as histórias positivas desveladas por eles em suas narrativas, incentivando um sentimento de pertença com o bairro e com as relações sociais solidárias e os valores reafirmados nas atitudes e comportamentos destes jovens e adolescentes considerados pela sociedade marginalizados.

Reconhecer as histórias de vida e as relações das pessoas da comunidade permitiu aos educandos valorizarem os saberes locais, reconhecendo as estratégias utilizadas na tomada de decisão, diante dos conflitos, das situações de violência e exclusão social, saber como as lideranças lidam com estas situações, de maneira ética e responsável, contribuiu muito com a consciência crítica e a reafirmação de valores sociais necessários para estes educandos constituírem uma referência local e identitária

Os desafios continuam, pois educar para a cidadania e emancipação, demanda um caminho crítico reflexivo de ação, que propõe um pensar e fazer coletividade em prol do outro cotidianamente e somente através da educação e do diálogo poderão se consolidar.

Referências

BRANDÃO, C. R. **O que é a educação popular?** São Paulo: Brasiliense, 2006

CACHAPUZ, Antônio. **A Necessária Renovação do Ensino das Ciências.**[et al,], organizadores . 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987a.

_____. Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 49^a. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005b

Fundação Fé e Alegria do Brasil. **Proposta educativa de Fé e Alegria Brasil. Diretrizes Nacionais.** Edições Loyola. 2009.

GOHN, Maria da Gloria. **Educação não-formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.** São Paulo: Cortez, 2010.

GADOTT, Moacir. **Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.** In: Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v.18, n.1, dez, 2012, p.10- 32.

JUNIOR, Pacheco Israel. PACHECO, Shirley. **Dialogicidade em Paulo Freire** In: ASSUNÇÃO, Raiane. (Org) Educação Popular na Perspectiva Freiriana. São Paulo. Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009. Educação popular 3.

MORIN, Edgar **Os sete saberes necessários à Educação do Futuro.** 2^aed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.